

Professor musicoterapeuta – caminhos de uma construção

VOLPI, Sheila¹
sheila_volpi@hotmail.com
TESCAROLO, Ricardo

RESUMO: Essa pesquisa está vinculada ao programa de mestrado em Educação, que a autora está cursando. Tem como reflexão inicial o questionamento a respeito de como, o que pensa e em que bases pedagógicas o professor musicoterapeuta constrói sua prática em sala de aula. Esta questão está relacionada ao fato de que, o foco de formação, tanto nos cursos de graduação como nos cursos de pós-graduação em Musicoterapia, é o de formar musicoterapeutas clínicos. Não há indicativos no sentido de que, formar professores de musicoterapia para trabalhar nos cursos de formação, também seja uma área de atuação importante e que exigem alguns conhecimentos específicos no campo da educação. Sabe-se que não há uma relação direta de que um excelente musicoterapeuta clínico seja um excelente professor musicoterapeuta. A pesquisa investiga também três aspectos a serem considerados no professor musicoterapeuta: reflexividade, sensibilidade e espiritualidade.

PALAVRAS-CHAVE – formação de professor musicoterapeuta, reflexividade, sensibilidade, espiritualidade.

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa propõe investigar a formação do professor do curso de musicoterapia - professor musicoterapeuta - pretendendo preencher uma lacuna existente na carência de pesquisas sobre esse tema. As produções científicas no campo da musicoterapia voltam-se principalmente para a prática clínica e seus resultados, tornando praticamente nula a existência de material bibliográfico que trate sobre a dimensão pedagógica na formação desse docente.

Masetto (1998) situa historicamente o início dos cursos superiores no Brasil, dizendo que foram criados para formar profissionais de uma determinada profissão. Atualmente o que se busca é a conscientização que a docência universitária exige capacitação própria e específica, conseqüentemente exige competências próprias. Suas competências se situam em: ser competente numa área de conhecimento, ter experiência profissional e estar atualizado nesta área (pesquisador) e ter domínio na área pedagógica (conceito ensino-aprendizagem; professor como conceptor e gestor do currículo, relação professor-aluno e aluno-aluno, teoria e prática de tecnologias educacionais).

Tratar da formação do professor do curso de musicoterapia exige falar da necessidade de professores críticos, reflexivos e especialmente sensíveis, que precisam transcender a técnica e uma concepção funcionalista dos processos terapêuticos. Nesse

¹ Mestranda em Educação – PUCPR Musicoterapeuta e professora supervisora no Curso de Musicoterapia da Faculdade de Artes do Paraná.

sentido, quando Bustos aborda as qualidades e as competências imprescindíveis ao terapeuta, ele faz questão de enfatizar que,

se só nos limitarmos a uma aprendizagem técnica, não estaremos abarcando os aspectos mais fundamentais de quem será terapeuta, e o que implica: entender profundamente a si mesmo, compreender limites de seu papel, assim como de suas possibilidades, não cair em dogmatismos nem em transplantes acrílicos de conhecimentos, entender o indivíduo médio dentro de si, e não adotar uma cômoda posição pseudo-intelectual. Só então poderá instrumentalizar corretamente as técnicas que estiverem a seu alcance (*apud* CARDOSO, 1985, p. 30)

Duarte (2001) defende a existência de um saber sensível, inelutável, primitivo, fundador de todos os demais conhecimentos. Um saber direto, corporal, anterior às representações simbólicas que permitem nossos processos de raciocínio e reflexão. E diz, ainda “e será para essa sabedoria primordial que devemos voltar a atenção se quisermos refletir acerca das bases sobre as quais repousam todo e qualquer processo educacional, por mais especializado que ele se mostre” (DUARTE, 2001, p.12). De fato, continua Duarte,

a educação do sensível nada mais significa do que dirigir nossa atenção de educadores para aquele saber primeiro que veio sendo sistematicamente preterido em favor do conhecimento intelectual, não apenas no interior das escolas mas ainda e principalmente no âmbito familiar de nossa vida cotidiana” (DUARTE, 2001, p.13-14).

Quanto ao termo espiritualidade, empregado nessa investigação, de modo algum se vincula a religião ou seita religiosa institucionalizada, não tendo, pois o sentido dogmático ou sectarizado como habitualmente se emprega. A espiritualidade, como a concebemos a partir das idéias de Robert C. Solomon (2003), refere-se à razão apaixonada pela vida, a partir de um sentido mais amplo de Vida, Vida em Plenitude, Auto-realizadora. É esse sentido de espiritualidade que lhe confere um sentido especial.

A espiritualidade é o amor reflexivo pela Vida que promove a transformação do *self* como altruísmo em conexão com o outro, um viver além de nós mesmos que não apresenta uma natureza nem só racional, nem só emocional, mas as duas amalgamadas.

Sendo assim o principal objetivo dessa pesquisa é analisar criticamente o modo como os professores musicoterapeutas constroem e fundamentam seus saberes pedagógicos. Tem também a intenção de investigar se os mesmos refletem sobre sua prática pedagógica – reflexividade – e como entendem a questão da sensibilidade e espiritualidade na sua própria formação e na formação do musicoterapeuta.

METODOLOGIA

Esta pesquisa tem uma abordagem qualitativa fazendo análise crítica reflexiva, sobre a formação do professor de musicoterapia. Acredita-se que este enfoque seja o que venha a atender o tema e o objeto de estudo por entender que em educação, e nela o ensino “sempre caracterizou-se pelo destaque de sua realidade qualitativa, apesar de manifestar-se freqüentemente através de medições, de quantificações (TRIVIÑOS, 1987, p.116).”

Como modalidade de pesquisa, além do estudo bibliográfico, necessário a qualquer trabalho científico, também está sendo desenvolvido um estudo junto aos professores musicoterapeutas, tendo como principal instrumento de pesquisa a entrevista semi-estruturada². Essa entrevista envolve alguns professores musicoterapeutas de diferentes instituições de nível superior, no Brasil, que oferecem a formação – graduação – em Musicoterapia. A opção pelo instrumento de pesquisa é por entender que “a ciência enquanto conteúdo de conhecimentos, só se processa como resultado da articulação do lógico com o real, da teoria com a realidade (Severino 2002, p.149)”. E ainda “uma pesquisa geradora de conhecimento científico e, conseqüentemente, uma tese destinada a relatá-la, deve superar necessariamente o simples levantamento de fatos e coleção de dados, buscando articulá-los no nível de uma interpretação teórica (ibid).”

A etapa seguinte, e a que está sendo desenvolvida atualmente é a de trabalhar os dados obtidos com as entrevistas e proceder à análise dos mesmos. Não se pretende criar categorias prévias e sim trabalhar com o conteúdo das respostas obtidas, por entender que a entrevista semi-estruturada “parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, frutos de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante” (TRIVIÑOS, 1987, p.146).

A pesquisa não tem como pretensão direta, *a priori*, propor mudanças na formação dos musicoterapeutas, mas acredita-se que pode contribuir para uma reflexão, por parte dos musicoterapeutas e das instituições de ensino superior que possuem o curso de musicoterapia, a considerar a questão da formação de professores profissionais. A referência a professores profissionais diz respeito à qualificação destes profissionais como docentes e a importância dos mesmos para a sociedade.

RESULTADO E DISCUSSÕES

As entrevistas realizadas até o presente momento já apresentam alguns indícios importantes na discussão da formação do professor musicoterapeuta, porém ainda estão em processo de análise. Esta pesquisa deverá estar concluída no mais tardar até o mês de outubro, prazo legal estipulado pelo programa do mestrado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

- BARCELLOS, Lia Rejane Mendes. Musicoterapia: alguns escritos. Rio de Janeiro: Enelivros, 2004.
- BRUSCIA, Kenneth. *Definindo musicoterapia*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.
- CARDOSO, Elenir Rosa Golin. *A formação profissional do psicoterapeuta*. São Paulo: Summus, 1985.
- CAVALCANTI, Raísa. *O Retorno do Sagrado: a reconciliação entre ciência e espiritualidade*. São Paulo: Cultrix, 2000.

² O roteiro básico da entrevista encontra-se em anexo. Como a proposta é entrevista semi-estruturada este roteiro serve somente como um guia pois entende-se que muitos conteúdos vão sendo apresentados durante a própria entrevista, desde que o pesquisador esteja atento e disponível para eles.

- CHAGAS, Marly. *O musicoterapeuta em sua prática clínica*. Anais do II Fórum Paranaense de Musicoterapia. Curitiba,
- CHARDIN, Teilhard de. *O Fenômeno Humano*. [1955]. 6.ed. São Paulo: Cultrix, 2003.
- DICIONÁRIO HOUAISS DE LINGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- DUARTE JR, João Francisco. *O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível*. Curitiba, Criar Edições, 2001.
- FISCHER, Rosa Maria. *Voltada para a comunidade, comprometida com o desenvolvimento*. In Universidade: Formação e transformação, org. Marcello Rollemberg. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.
- HAGUETTE, Maria Thereza Frota. *Metodologias qualitativas na Sociologia*. 7ªed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- LIBÂNEO, José Carlos. *Reflexividade e formação de professores: outra oscilação do pensamento pedagógico brasileiro?*. In: Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito. PIMENTA, S.G.e GHEDIN, E. (org) São Paulo: Cortez, 2005.
- MASETTO, Marcos T. (org) *Docência na universidade*. Campinas: Papirus, 1998.
- MESSAGI, Jônia Maria Dozza. *A prática pedagógica do professor musicoterapeuta: implicações na formação do profissional*. Dissertação de Mestrado. PUC-PR, Curitiba: 1997.
- O’SULLIVAN, Edmund. *Aprendizagem transformadora: uma visão educacional para o século XXI*. Tradução de Dinah A. de Azevedo. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2004.
- PERRENOUD, Phillippe. *Dez novas competências para ensinar*. Porto Alegre: Artesmédicas, 2000.
- REVISTA BRASILEIRA DE MUSICOTERAPIA. Ano I, nº 2, 1996.
- SCHÖN, Donald A. *Formar professores como profissionais reflexivos*. In: NÓVOA, Antonio (org). Os professores e sua formação . Lisboa: Dom Quixote, 1992.
- SEVERINO, Joaquim Antonio. *Metodologia do trabalho científico*. 22 ed. Ver. E ampliada de acordo com a ABNT. São Paulo: Cortez, 2002.
- SOLOMON, Robert. *Espiritualidade para céticos: paixão, verdade cósmica e racionalidade no século XXI*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- TESCAROLO, Ricardo. *A escola como sistema complexo: a ação, o poder e o sagrado*. São Paulo: Escrituras Editora, 2004.
- TRIVIÑOS, Augusto N.S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.
- VASCONCELLOS, Maria José Esteves de. *Pensamento Sistêmico: o novo paradigma da ciência*. Campinas, São Paulo: Papirus, 2002.
- VOLPI, Sheila M.O.B. *A formação do musicoterapeuta brasileiro*. Revista Brasileira de Musicoterapia. Ano I – Número 2 – 1996.

Anexo

Roteiro da entrevista semi-estruturada, a ser realizada com professores musicoterapeutas.

1. Nome completo
2. Qual sua formação acadêmica? (graduação, pós-graduação, outras formações)
3. Em qual instituição de ensino leciona? (nome, cidade)
4. Quais disciplinas que ministra?
5. Há quanto tempo é professor no curso de musicoterapia?
6. Como se tornou um professor musicoterapeuta?
7. Você tem alguma formação pedagógica?
8. Você reflete sobre sua prática pedagógica?
9. (se a resposta for afirmativa) como faz essa reflexão?
10. Quais são os pontos que merecem sua atenção quando reflete sobre sua própria prática pedagógica?
11. Como define espiritualidade?
12. Você acha que esse tema deve estar presente na formação do musicoterapeuta? Por que?
13. Como define sensibilidade?
14. Sensibilidade e o professor musicoterapeuta.
15. O que considera importante num professor musicoterapeuta?